CAPÍTULO I

A MOSCA DEU TRÊS VOLTAS em torno da cabeça dele e foi pousar na página do relatório onde ele fazia anotações, no alto da página, do lado esquerdo.

Maigret imobilizou a mão que segurava o lápis e olhou para ela com uma curiosidade divertida. Aquela movimentação já durava quase meia hora e era sempre a mesma mosca. Ele era capaz de jurar que a reconhecia. De resto, não havia outra na sala.

Ela descrevia alguns círculos pela sala, sobretudo na parte banhada pelo sol, contornava a cabeça do comissário e aterrissava sobre os documentos que ele estava estudando. Ali, ela esfregava preguiçosamente as patas umas contra as outras, e era bem possível que o estivesse desafiando.

Olhava para ele, de fato? E, em caso afirmativo, o que representava para ela aquela massa de carne que devia lhe parecer enorme?

Ele evitava assustá-la. Aguardava, com o lápis no ar, e de repente, como se para ela já bastasse, ela levantava voo, e alcançava a janela aberta e ia se perder no ar tépido do lado de fora.

Estávamos em meados de junho. Vez por outra, uma baforada de brisa passava pela sala de trabalho onde Maigret,

sem paletó, fumava tranquilamente seu cachimbo. Decidira passar a tarde lendo os relatórios de seus investigadores e dedicava para isso toda a paciência necessária.

Nove vezes, dez vezes a mosca voltou, pousando sempre no mesmo lugar da página, como se existisse entre eles uma espécie de cumplicidade.

Foi uma curiosa coincidência. Aquele sol, aquelas baforadas mais frescas que penetravam às vezes pela janela aberta, aquela mosca que o fascinava lembravam-lhe os anos de escola onde às vezes uma mosca que gravitava sobre sua escrivaninha adquiria muito mais importância do que a aula do professor.

Joseph, o velho oficial de justiça, deu uma batida discreta na porta e estendeu ao comissário um cartão de visita impresso.

Léon Florentin
Antiquário

– Que idade ele tem?

– Mais ou menos a sua...

– Ele é alto e magro?

– Muito alto e muito magro, sim, com muito cabelo grisalho...

Era de fato o Florentin que tinha sido seu colega no Liceu Banville, em Moulins, e era o palhaço da turma.

– Mande entrar...

Esquecera-se da mosca que, talvez despeitada, saíra voando pela janela. Houve um momento de embaraço quando Florentin entrou, pois os dois homens só tinham se visto uma única vez depois de se separarem em Moulins. Fora uns vinte anos antes. Maigret dera de cara, na calçada, com um casal elegante. A mulher era bonita, bem parisiense.

– Eu te apresento um velho amigo de ginásio que entrou para a polícia...

Depois, para Maigret:

– Eu lhe... Eu te apresento Monique, minha mulher...

Fazia sol também naquele dia. Eles não sabiam o que se dizer.

– Então, tudo bem? Sempre contente?

– Sempre contente – replicara Maigret. – E você?

– Não tenho do que me queixar.

– Está morando em Paris?

– Sim. Boulevard Haussman, 62. Mas viajo muito por causa dos meus negócios. Neste momento, estou chegando de Istambul. Você precisa nos visitar. Com a senhora Maigret, claro, se você tiver se casado...

Não estavam à vontade, nem um nem outro. O casal se dirigira para um carro esporte conversível, de carroceria verde-clara, e o comissário seguira seu caminho.

O Florentin que entrava em seu escritório era menos vistoso do que o da Place de la Madeleine. Vestia um terno cinzento bastante surrado e não aparentava mais a mesma segurança.

– Quanta gentileza me receber imediatamente... Como vai o senhor? Como vai você?...

Maigret também sentia uma certa dificuldade em chamá-lo de você depois de tanto tempo.

– E você?... Sente-se... Como vai sua mulher?

Os olhos cinza-claros de Florentin olharam por um momento para o vazio, como se procurasse se lembrar.

– Está se referindo a Monique, uma ruivinha?... Na verdade, nós vivemos juntos durante um tempo, mas nunca me casei com ela... Uma boa moça...

– Você não se casou?

– Para quê?

E Florentin fazia uma de suas caretas que, antigamente, tanto divertiam seus colegas e desarmavam os professores. Parecia que seu rosto comprido de traços muito desenhados era de borracha, de tanto que conseguia torcê-lo em todas as direções.

Maigret não ousava perguntar por que ele viera vê-lo. Observava-o, sentindo dificuldade em acreditar que tantos anos tivessem se passado.

– Você tem um belo escritório... Eu não sabia que estavam tão bem de móveis, vocês da Polícia Judiciária...

– Você se tornou antiquário?

– Digamos que sim... Compro móveis velhos e restauro-os em uma pequena oficina que aluguei no Boulevard Rochechouart... Você sabe, neste momento, todo mundo é mais ou menos antiquário...

– Satisfeito?

– Eu não me queixaria, não fosse o choque que tive esta tarde...

Ele se habituara tanto a fazer palhaçadas que seu rosto adotava automaticamente expressões engraçadas. Sua tez também se acinzentara, os olhos estavam inquietos.

– É por isso que vim procurar você. Disse a mim mesmo que você seria mais capaz de me compreender do que um outro.

Tirou um maço de cigarros do bolso, acendeu um com uma mão de dedos longos e ossudos que tremiam ligeiramente. Maigret acreditou sentir um bafo de álcool.

– Na realidade, estou bastante amolado...

– Pode falar...

– Justamente. É que é difícil de explicar. Eu tenho uma namorada, há quatro anos...

– Outra namorada com quem você vive?

– Sim e não... Não... Não exatamente... Ela mora na Rue Notre-Dame-de-Lorette, perto da Place Saint-Georges...

Maigret se espantava com as hesitações dele, com os olhares de lado, pois Florentin sempre mostrara muita segurança e eloquência. No liceu, Maigret lhe invejava aquela tranquilidade. Invejava-o também um pouco porque o pai dele era o melhor confeiteiro da cidade, trabalhando em frente à catedral. Chegara até a dar seu nome a um doce à base de nozes que se tornara uma especialidade local.

Florentin sempre tivera os bolsos cheios de dinheiro. Podia fazer brincadeiras em classe sem ser punido, como se gozasse de uma imunidade especial. E, quando o dia caía, ele ainda saía com meninas.

– Conte...

– Ela se chama Josée... Enfim, seu verdadeiro nome é Joséphine Papet, mas ela prefere Josée... Eu também... Ela tem 34 anos, mas ninguém lhe dá essa idade...

O rosto de Florentin se modificava tanto que parecia agitado por tiques.

– É difícil de explicar, meu velho...

Ele se levantava, andava até a janela onde seu grande corpo se recortava contra o sol.

– Faz calor aqui... – suspirava, enxugando a testa.

A mosca não viera mais pousar no alto da página largada diante do comissário. Escutava-se o barulho dos carros e dos ônibus em cima da ponte Saint-Michel, às vezes a sirene de um rebocador que baixava a chaminé antes de passar sob o arco.

O relógio de parede de mármore preto, o mesmo de todas as instalações da P.J. e provavelmente de centenas de escritórios oficiais, marcava 17h20.

– Eu não sou o único... – finalmente deixou escapar Florentin.

– O único o quê?

– O único amigo de Josée... É isso que é difícil de explicar... Ela é a melhor mulher do mundo e eu era ao mesmo tempo seu amante, seu amigo e seu confidente...